

# O soldado e o diplomata: a guerra e a paz em Assunção

*Luiz Augusto Rocha do Nascimento\**

## Introdução

A entrada dos aliados em Assunção, na Guerra da Tríplice Aliança, em janeiro de 1869, coroou o episódio conhecido como *Dezembrada*: a série de batalhas comandadas por Caxias contra Solano Lopez, governante paraguaio. A vitória da tropa comandada pelo então marquês abriu as portas da capital paraguaia e colocou um final ao exército paraguaio ainda estruturado.

A tomada de Assunção, no entanto, não representou o final da guerra. A entrada na capital do adversário, geralmente, coroou as campanhas militares. Os vencedores ocupavam o centro geográfico do poder e impunham as condições de paz. Assim na entrada em Paris da Sétima Coligação contra Napoleão Bonaparte e na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871.

Caso o poder não se encontrasse na capital, a vitória, no entanto, poderia não se consumir. O príncipe-regente Dom João transferiu a Corte para sua maior colônia e continuou a governar. O mesmo aconteceu no Paraguai: as tropas ocuparam Assunção, mas Lopez não fora capturado. Sua fuga frente aos aliados criou um impasse para as reações dos aliados com os paraguaios.

Dom Pedro II, invocando a cláusula do Tratado da Tríplice Aliança, exortou a Argentina e o Uruguai a prosseguirem na luta. A guerra era contra o governo do Paraguai, na pessoa do marechal Solano Lopez, não contra o povo do Paraguai. Os aliados tiveram o cuidado de deixar essas premissas bem claras no sexto e no sétimo artigos do tratado.

O impasse gerou duas necessidades urgentes. A primeira foi a de reorganizar o Paraguai para prosseguir seu governo sem o marechal. A segunda foi a de reorganizar as tropas para prosseguir na perseguição do governante deposto, mas evadido. Ambas as tarefas se mostraram, desde o começo, muito difíceis de se cumprir.

O cumprimento dessas tarefas – uma diplomática, outra militar – trouxeram ao teatro de operações José da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, e colocaram, brevemente, em relevo, o marechal Guilherme Xavier de Sousa. O primeiro possuía uma larga experiência diplomática nos conflitos da bacia do rio da Prata. O outro já se encontrava na Campanha do Paraguai e era dono de vasta experiência militar.

Este trabalho, portanto, tem o objetivo de recordar a atuação de duas personalidades importantes na Guerra da Tríplice Aliança. O primeiro, diplomata, encarregado de fazer a paz: José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco. O segundo, militar e político,

\*Cel Cav R1 (AMAN/1987, EsAO/1995). Licenciatura em História. Especialização em História Militar (UNISUL). Acadêmico de instituições histórico-culturais na Argentina, Brasil, Espanha, Paraguai, Portugal e Uruguai. Professor de História do Colégio Militar de Brasília e do curso de pós-graduação em História Militar da UNISUL. Pesquisador Associado do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército (CEPHiMEX). luizaugusto.rocha@eb.mil.br.

encarregado de reagrupar as tropas para prosseguir a guerra contra o marechal Lopez: Guilherme Xavier de Sousa.

Para tanto, o trabalho teve a sua estrutura dividida em três partes. A primeira resgatou algumas ideias de três referências do pensamento da paz e da guerra: Sun Tzu, Maquiavel e Clausewitz. A segunda apresentou um resumo da atuação de Paranhos no Paraguai. Finalmente, o trabalho tratou de apontar algumas informações sobre o marechal Guilherme Xavier de Sousa.

## Pensadores da guerra e da paz

Uma máxima famosa, atribuída ao presidente francês Georges Benjamin Clemenceau, é o de que a guerra é uma coisa demasiado grave para ser confiada aos militares. Talvez o exagero não se justifique, porque existiram pensadores da guerra tanto civis como militares. Eles ajudaram a construir uma base sólida para a interpretação da relação entre a política e a força militar.

Sun Tzu, nome lendário de *A arte da guerra*, salientou que o soldado se subordinava ao seu soberano (governante) para estabelecer as suas ações. A guerra, em sua visão, passava por um projeto nacional, não de iniciativa dos próprios militares. Assim como os atenienses, ir à guerra e fazer a paz era decisão dos cidadãos atenienses. A estratégia era com os generais e os almirantes.

As consequências do descumprimento dessa ideia possuem um exemplo marcante no Japão da Segunda Guerra Mundial. Um governo fortemente influenciado pelos militares, particularmente o general Tojo, conduziu os japoneses a uma política agressiva antes mesmo da guerra na Europa. No final, essa política culminou com a destruição do país.

Outro ponto enfatizado por Sun Tzu é o papel do comandante. Ele deixou isso bem claro em várias passagens de sua obra. Enumerou as qualidades da chefia e a forma de conduzir a guerra em várias partes dos seus escritos. Em Atenas, qualquer função pública

podia ser democraticamente executada por qualquer cidadão. A única exclusividade era a dos comandantes do exército.

Maquiavel, que viveu em uma época do uso de mercenários nas guerras, salientou a importância da profissionalização dos soldados. Isso tanto para sua atuação quanto para evitarem usar da força para tomar o governo. Salientou que a condução das campanhas militares prescindia de experiência prática, a qual se adquiria apenas em tempos de guerra.

O florentino ensinou também quanto à conquista de um Estado que, antes, vivia segundo suas leis, lembrando a divisão política da Itália do seu tempo. Para ele, só havia três modos de manter a conquista de um Estado: destruí-lo, habitá-lo ou deixá-lo sob suas leis. O Império Romano, por exemplo, foi um caso de sucesso na manutenção de conquistas por séculos.

Clausewitz, pensador militar prussiano, estabeleceu uma série de observações a respeito da condução da guerra. Para ele, a guerra é um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à vontade de um dos oponentes. Sintetizou seu pensamento com a célebre máxima de que *a guerra era uma extensão da política*.

O prussiano destacou a necessidade do treinamento e do profissionalismo. Salientou que o comandante não podia ir à guerra sem experiência. Ela não podia ser uma novidade, uma experiência para quem se dedicasse a esse ofício. A preparação era fundamental para que a conduta do processo militar levasse ao sucesso do general e, por conseguinte, do Estado a que servia.

A rápida abordagem das ideias dos três pensadores mostrou a convergência do Estado e do general. As ações deste não devem se distanciar das diretrizes traçadas por aquele. A guerra é uma atividade profissional, desgastante, cara e brutal. Não deve, portanto, ter a sua condução na mão de amadores.

## O Visconde do Rio Branco e o Paraguai

Este grande diplomata do Império nasceu no dia 16 de março de 1819, em Salvador, província da Bahia. Faleceu em 1º de novembro de 1880 na capital do Império. Ele cursou engenharia e depois se diplomou em ciências matemáticas na Escola Militar do Rio de Janeiro (1846). Paranhos lecionou na Escola Militar. Exerceu também a atividade de jornalista, colaborando nos seguintes jornais: *Correio Mercantil*; *O Marimbondo*; *Jornal do Commercio*; e *O Novo Tempo*.

Paranhos foi ministro residente em Montevidéu (1852), ministro da Marinha e dos Negócios Estrangeiros no governo de Antônio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté, o 10º gabinete do império (1858-1859). Ele também foi ministro da Fazenda (1861-1862 e 1871-1875) no gabinete presidido pelo então Barão e depois Duque de Caxias.

O Visconde do Rio Branco também atuou como deputado geral pelo Rio de Janeiro, onde fora vice-presidente e presidente interino. Ele foi senador do Império (1863-1880) pela província do Mato Grosso. Ocupou o cargo de conselheiro de Estado e de ministro da Guerra em 1871. No mesmo ano, ele ocupou a presidência do Conselho de Ministros.

Sua maior obra foi a apresentação e promulgação da Lei do Ventre Livre, em 28 de setembro de 1871, que visava à extinção gradual da escravidão no Brasil. Paranhos realizou ainda a reforma judiciária, o primeiro recenseamento geral do país, além de obras como a inauguração do cabo submarino e melhorias urbanas no Rio de Janeiro. É o patrono da cadeira nº 40 da Academia Brasileira de Letras.

José Paranhos teve grande atuação na política e na diplomacia. Exerceu as funções de secretário na missão especial no rio da Prata, sob as ordens do Marquês de Paraná (1851). Depois, ministro residente, chefe de legação e enviado especial em missões nas repúblicas da Argentina, do Uruguai e Paraguai de 1852 a 1869. No período de 1869-1870, ele colaborou na organização do governo provisório do Paraguai, ao final da guerra.

Paranhos chegou a Montevidéu em fevereiro de 1869. Vinha autorizado a resolver com Caxias a si-

tuação de sua saída do comando em Assunção. Ao final, acertou com o generalíssimo que ele continuasse em sua viagem de volta ao Brasil. A saúde do Velho Soldado cedera às agruras das várias guerras nas quais lutara.

A situação em Assunção era, no mínimo caótica. Antes deserta, viu afluir, lentamente, os moradores, os quais fugiram ante o medo gerado pela aproximação das tropas. Além disso, os aliados patrulhavam as proximidades da capital paraguaia. Nessas buscas, achavam e traziam para Assunção os sobreviventes. Estes, flagelados pelos anos de guerra, estavam em estado deplorável.

O descontrole era grande. Os locais retomavam suas posses das sobras dos saques. Os proprietários passaram a alugar seus imóveis por preços absurdos. Falavam condições mínimas de vida. A cidade começou, pouco a pouco, a ter um aumento descontrolado da população. O apoio aos necessitados não acompanhava as necessidades.

Além do descontrole da estrutura da capital paraguaia, o diplomata Paranhos teve que enfrentar as lideranças que emergiram do país com a desintegração do poder de Lopez. A tarefa não foi fácil. Ele começou, porém, a trabalhar arduamente para costurar um novo governo para o país, sem perder de vista os interesses do Brasil.

Esses interesses estavam, desde o Tratado da Tríplice Aliança, delineados. O Brasil precisava resolver seus problemas de fronteiras e garantir a livre navegação do rio Paraguai. As províncias interiores, como o Mato Grosso, só se alcançavam pelo rio. Essa situação permaneceu inalterada até meados do século XX, com a interiorização do Brasil.

Por fim, Paranhos conseguiu chegar a termo na sua missão. O Paraguai passou para um triunvirato, que iniciou a transição para um Paraguai sem líderes únicos. Essa situação foi um longo caminho depois dos governos autocráticos de José de Francia, seu sobrinho Carlos Lopez e o filho deste, o marechal Solano Lopez.

A tarefa de estabelecer a paz era duríssima, pois as condições reinantes eram totalmente desfavoráveis. Embora do lado vencedor, Paranhos não deveria,

simplesmente, ditar termos aos vencidos. Isso afogaria ainda mais o orgulho paraguaio e traria, certamente, consequências fora dos interesses do Brasil. A guerra custara muito ao Império. Custara, porém, muito mais ao Paraguai.

## O marechal Guilherme Xavier de Sousa

Ele era natural do Desterro, então província de Santa Catarina, hoje Florianópolis. Nasceu nessa cidade em 3 de agosto de 1818 e morreu, na mesma cidade, em 21 de dezembro de 1870. Era filho de Antônio Xavier de Sousa e da senhora Maria Caetana de Barros. Ele se casou com a senhorita Clara Angélica de Sousa. O casal não teve filhos.

O marechal e sua esposa eram abolicionistas muito antes da existência organizada da libertação dos escravos. Eles alforriaram o menino, então com quatro anos, João da Cruz e Sousa. Este recebeu esmerada educação, promovida por seus antigos donos. Cruz e Sousa se transformou em um dos ícones do Simbolismo no Brasil.

Xavier de Sousa foi deputado na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina duas vezes (1864-1865 e 1868-1869) e presidente da Província do Rio Grande do Sul (julho e agosto de 1868). Ele pertenceu aos quadros do Partido Conservador. Em uma época em que a política dividia decisões militares e prejudicava a conduta da guerra, ser do mesmo partido do visconde, portanto, era benéfico para as ações.

O jovem Guilherme fez os estudos profissionais na Escola Militar de Desterro/SC, de 1834 a 1837. Ele decidiu seguir na carreira das armas. Galgou as patentes regulamentares de: alferes (transformada, na República, em segundo-tenente); tenente; capitão; major; tenente-coronel (1855); coronel (1861); brigadeiro (1862); e marechal de campo (1867).

Como militar, combateu na Guerra dos Farrapos/Revolução Farroupilha (1835-1845), ocorrida no Rio Grande do Sul, e na Revolução Liberal de 1842. Ao longo da vida militar, ocupou as funções de: comandante interino do 3º Batalhão de Caçadores em 1845,

efetivado em 1848; comandante da Ala Esquerda do 7º Batalhão de Caçadores em Pelotas/RS (1850); e comandante do 3º Batalhão de Infantaria (1851 a 1852).

Também foi o comandante do 10º Batalhão de Infantaria, o qual, posteriormente, passaria a levar seu nome. Foi quartel-mestre general do 10º Batalhão de Infantaria (1854); comandante do 1º Batalhão de Infantaria do Rio de Janeiro/RJ; comandante do 13º Batalhão de Depósito de Desterro/SC; comandante da 11ª Brigada de Infantaria (1862); comandante da 4ª Divisão de Exército; e comandante das armas da Província do Rio Grande do Sul (1868).

No prosseguimento de suas atividades de soldado, Guilherme Xavier de Sousa foi para fora do Brasil. Foi comandante do 1º Corpo do Exército em 1869 – participando, assim, da Guerra do Paraguai (1864-1870); e, depois, com a saída de Caxias, exerceu a função de comandante-chefe do Exército Brasileiro (1869). Exerceu essa função até a chegada do novo comandante, o Conde D’Eu.

O Marquês de Caxias, ocupando Assunção, sentiu-se mal durante a celebração de uma missa. Ele sofreu uma síncope na catedral de Assunção. O Velho Soldado percebeu que ultrapassara o limite de sua capacidade física e que necessitava, urgentemente, de repouso. Ele decidiu ouvir os conselhos médicos, passou o comando do exército para o marechal Guilherme Xavier e se retirou para Montevidéu.

O marechal, recém-alçado ao comando das tropas, tratou de reorganizá-las até a sua substituição. A tarefa era urgente porque Lopez, que jurara jamais se render, organizava um novo exército para continuar a luta. Essa tropa paraguaia não possuía a força de outrora, porém representava uma ameaça permanente à estabilidade paraguaia e adiava o fim da guerra.

Guilherme Xavier reorganizou suas forças e estabeleceu trabalhos para reparação da pequena ferrovia existente. Esta era importante para estabelecer o fluxo de suprimentos para a nova fase da campanha. Além disso, estabeleceu uma ligação telegráfica que facilitou as comunicações das tropas. Assunção e Yuquyry passaram a possuir, portanto, uma ligação ferroviária e telegráfica.

O marechal fechou o hospital de Humaitá e manteve o de Assunção. Deslocara a vanguarda de sua tropa, o 1º Corpo de Exército, para Luque. Nesse local, passou a ficar o comando em chefe. Em abril, o 2º Corpo vai se juntar ao 1º Corpo nessa localidade. Este, deixando Luque, marchou para Lambaré, entre Yuquyry e Luque. O coronel Hermes da Fonseca, que depois foi presidente do Brasil, ficou com uma guarnição militar em Assunção.

Nesse mesmo mês, o genro de Dom Pedro, marido da princesa Isabel, chegou a Assunção. Este possuía experiência de guerra: lutara no Marrocos. O príncipe também frequentara uma Academia Militar em Segóvia, na Espanha, que ocupava um antigo castelo e sofrera um incêndio pouco tempo depois que o Conde D'Eu saíra de lá. Hoje funciona um arquivo em suas antigas instalações.

O genro de Dom Pedro II fora nomeado por um decreto de março, mês anterior à sua chegada a Assunção. Passara a comandante de todas as forças contra o governo do Paraguai, ou seja, contra Solano Lopez. Dois dias após sua chegada, deslocou-se para Luque para assumir sua nova função. Guilherme de Sousa, então, passou a comandante do 1º Corpo de Exército, interinamente, aguardando a chegada do marechal Osório.

O marechal Guilherme Xavier atuou, como comandante interino, com presteza e iniciativa para a continuação da guerra. Assunção, como o restante do país, estava um caos por causa das agruras da campanha. As dificuldades de liderar uma tropa cansada por anos em um conflito cruel e sangrento não era tarefa para qualquer um. O marechal soube se desincumbir de suas tarefas e entregar uma tropa em condições de seguir Gastão de Orleans.

## Considerações finais


Os pensadores apresentados neste trabalho mostraram subsídios importantes para lidar tanto com a guerra quanto com a paz. Não chegando ao limite de

Churchill, que acreditava que a paz era o intervalo entre duas guerras, os três estabeleceram ideias para subsidiar a decisão dos governantes séculos à frente de seu tempo. Os ensinamentos eram válidos e perduraram muito além da morte de Sun Tzu, Maquiavel e Clausewitz.

As atitudes do Visconde do Rio Branco corroboraram com os ensinamentos dos pensadores. Ele era um profissional experimentado, com prática em lidar com as nações envolvidas no conflito. Suas ações precedentes, na região do rio da Prata, foram decisivas para normatizar sua conduta na capital paraguaia. Graças a isso, conseguiu fazer a paz.

O marechal Guilherme Xavier, militar experimentado nas lutas internas e veterano da guerra contra o governo do Paraguai, estava no momento e lugar certos para preparar a tropa para a guerra. Lopez, conforme prometera, veio a morrer ao se recusar a cair prisioneiro dos brasileiros. O período entre a chegada a Assunção e o início da Campanha das Cordilheiras precisava de um organizador capaz. O marechal mostrou ser essa pessoa.

As ações pela paz, de Paranhos, e a preparação da continuidade da guerra, por Guilherme Xavier, comprovaram as premissas estabelecidas pelos três pensadores e tiveram sua aplicação no Paraguai. A paz, por meio do estabelecimento do triunvirato e da assinatura dos tratados de paz, selou a continuação da governabilidade. As medidas para a guerra, nas atitudes tomadas pelo Marechal do Desterro, causaram o fim do governo de Lopez.

Este trabalho, portanto, leva à conclusão de que o estudo dos grandes pensadores da política e da guerra mereceram, e continuarão a merecer, muito crédito. Os sucessos do futuro também se farão ao se sustentar nas lições do passado. Por isso, Sun Tzu, Maquiavel e Clausewitz merecem a continuidade de suas leituras para melhorar o processo de decisão de diplomatas e generais. 

## Referências

ASSEMBLEIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Guilherme Xavier de Sousa**. Disponível em: [http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/355-Guilherme\\_Xavier\\_de\\_Sousa](http://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/355-Guilherme_Xavier_de_Sousa). Acesso em 2020.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Relatório do Ano de 1869 apresentado à Assembleia Geral Legislativa na 2ª Sessão da 14ª Legislatura pelo Ministro de Estado Barão de Cotegipe**. Rio de Janeiro. Tipografia Universal de E & H Lemmertz, 1870.

CARDOSO, Alberto Mendes. **Os Treze Momentos: Análise da Obra de Sun Tzu**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, 1987.

CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. 3. ed. São Paulo. Editora Martins Fontes, 2010.

FRAGOSO, General Augusto Tasso. **A Paz com o Paraguai depois da Guerra da Tríplice Aliança**. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1941.

FRAGOSO, General Augusto Tasso. **História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Volume IV. 2. ed. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 1959.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO (FUNAG). Centro de História e Documentação Diplomática. **José Maria da Silva Paranhos**. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/chdd/index.php/personalidades-historicas?id=131>. Acesso em 2020.

MAQUIAVEL, Nicolau. **A Arte da Guerra**. São Paulo. Editora Hedra, 2013.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe: Comentários de Napoleão Bonaparte**. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 1998.

SCHNEIDER, Luiz. **A guerra da Tríplice Aliança contra o governo da República do Paraguai (1864-1870)**. Rio de Janeiro. Tipografia Americana, 1875.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 1983.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora, 2003.

WHIGHAM, Thomas. **Silva Paranhos e as origens de um Paraguai Pós-López (1869)**. Em: Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.3, p. 1.085-1.119, setembro-dezembro de 2015.